

## **PEDAGOG@S E PROFESSOR@S EM TEMPOS DE PANDEMIA**

### **PEDAGOGUES AND TEACHERS IN TIMES OF PANDEMIC**

Sérgio de Freitas Oliveira<sup>1</sup>

#### **Resumo**

A pandemia da Covid-19, de forma avassaladora, impactou a vida do planeta. De repente, tivemos que redesenhar nossas vidas, nosso comportamento, nossa rotina, nossa forma de trabalhar, de ensinar e de aprender. Foi preciso nos reinventarmos, e rapidamente. O estável ou aparentemente estável se desestabilizou. A maneira clássica, secular, de desenvolvermos nossas atividades escolares, de um dia para o outro, desapareceu. As escolas fecharam e todos se recolheram às suas casas. Mas a vida precisava continuar. E isso foi (ou seria) possível graças às Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação – TDICs no contexto escolar.

**Palavras-Chave:** Ensino remoto. Ensino-aprendizagem. TDIC.

#### **Abstract**

The Covid-19 pandemic, in an overwhelming way, impacted the life of the planet. Suddenly, we had to redesign our lives, our behavior, our routine, our way of working, teaching and learning. It was necessary to reinvent ourselves, and quickly. The stable or apparently stable has been destabilized. The classic, secular way of carrying out our school activities from one day to the next has disappeared. Schools closed and everyone retired to their homes. But life had to go on. And this was (or would be) possible thanks to Digital Information and Communication Technologies - TDICs in the school context.

**Keywords:** Remote education. Teaching-learning. TDIC.

Diante da pandemia da Covid-19, que afetou a vida das pessoas e de todas as nações do planeta, fomos levados ao isolamento social, recolhendo-nos em nossas casas. A nossa vida teve a sua rotina alterada. De repente, tudo ou quase tudo simplesmente parou. Por um tempo indeterminado. Instalou-se um caos diante de um inimigo invisível, avassalador, infectando e provocando a morte de milhares de pessoas em todo o mundo, diariamente.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Letras e em Pedagogia, Mestre e Doutor em Letras – Linguística e Língua Portuguesa, Professor Adjunto II da PUC Minas nos cursos de Letras e Pedagogia, E-mail: [sergiofoliveira48@gmail.com](mailto:sergiofoliveira48@gmail.com)

Diante desse quadro, o que vimos? A necessidade de nos reinventarmos. Percebemos que o tido como inalterável, de repente e independentemente de nossa vontade, se alterou. Era preciso definir um jeito novo de viver e sobreviver.

Nós, pedagog@s e professor@s, com as escolas fechadas e os alunos em casa, fomos levad@s a rever nossa forma de trabalhar, nossa metodologia. Afinal, não seria possível ficarmos indefinidamente parados. O ano letivo mal havia começado e não havia estimativa de retomada das atividades letivas.

Havia, no entanto, que se considerar o caráter desafiador que a situação nos impunha. Um desafio para todos – para o governo, para as escolas, os gestores e seus professores, para os pais. Uma nova realidade se nos apresentava e nos cobrava ações imediatas.

De repente, a palavra de ordem foi “flexibilizar”. Nós não entendíamos bem ou não tínhamos até então a exata dimensão do que seria uma “flexibilização”. Na situação em que passamos a nos encontrar, tivemos que flexibilizar, renunciar a certos conceitos ou princípios tidos como definitivos. Vimos que o definitivo, na verdade, pode ser passageiro. Precisávamos descobrir outros modos de fazer a nossa aula acontecer e o ano letivo prosseguir.

Se entendíamos que ensinar é transferir saber, fomos levados a ver que ensinar é muito mais criar possibilidade para a sua produção. A relação ensino-aprendizagem é dialógica, feita entre sujeitos ativos.

Hoje, podemos nos dar por privilegiados diante de uma calamidade como a pandemia. Fomos desafiados a assumir a tecnologia como nossa grande parceira. Descobrimos que nossas aulas podem ser muito melhores, graças às ferramentas disponíveis nas diversas plataformas. A pandemia nos colocou a tecnologia como nossa aliada. Não estávamos preparados para tanto de uma só vez. Mas tivemos que romper as nossas barreiras, superar nossas resistências e até nossos preconceitos.

No entanto, não podemos desconsiderar as condições para que se implante um ensino virtual ou remoto. Há requisitos que precisam ser atendidos, são as condições para que os alunos tenham acesso a essa modalidade de ensino. No momento em que se fala em universalização do acesso à escola, nos deparamos com um mecanismo que promove elitização e exclusão, acentua a desigualdade, uma vez que apenas contextos sociais mais favorecidos são atendidos.

E isto não por falta de legislação, uma vez que o Plano Nacional de Educação, Lei nº 13.005/2014, na sua Meta 7, Estratégia 7.15, determina

7.15) *universalizar*, até o quinto ano de vigência deste PNE [2019], o *acesso* à rede mundial de computadores em *banda larga de alta velocidade* e *triplicar*, até o final da década [2020], a *relação computador/aluno (a)* nas *escolas da rede pública* de

educação básica, promovendo a utilização pedagógica das tecnologias da informação e da comunicação (BRASIL, 2014, grifos nossos).

Seria premonição, pressentimento do que estaria por vir, nos aguardando? Uma pandemia e um isolamento social tão longo, comprometendo um semestre letivo (ou mais, quem sabe?). Que ironia! Se essa estratégia do PNE tivesse sido implementada, os alunos das escolas públicas e as próprias escolas não estariam vivendo a falta de condições de acesso remoto às aulas e às atividades escolares. A desigualdade não estaria tão acentuada, em prejuízo de milhares e milhares de alunos. A omissão, mais uma vez, atinge os mais desfavorecidos, os mais vulneráveis.

Nas empresas, a vida pôde continuar no sistema de *home office*. As atividades que podiam ser desenvolvidas remotamente, pela internet, foram mantidas. As outras tiveram que ser suspensas, simplesmente. À exceção das consideradas essenciais. Nas escolas, a vida precisava continuar. Aí descobrimos a riqueza das ferramentas disponíveis, uma riqueza, diria, inimaginável. Tão extensa que precisaremos de tempo para assimilar essa riqueza e aplicá-la nas nossas escolas e nas nossas salas de aula.

Fomos levados a reinventar a nossa profissão. Com o ensino *on-line*, o professor precisou se reinventar. As tradicionais aulas expositivas passaram a ser dadas em vídeo, ou mesmo em tempo real, síncronas, com explicações gravadas, permitindo ao aluno reproduzi-las quantas vezes for preciso. Nesse novo ambiente de aprendizagem, o professor precisa ir além, motivar, aguçar a curiosidade, instigar a pesquisa, provocar a reflexão, o desenvolvimento do pensamento crítico.

Diante dos questionamentos em relação ao ensino a distância - EaD, o ensino remoto apresenta vantagens, por manter a interação com os alunos e entre eles, como no ensino presencial, e por acontecer em tempo real.

Como temos visto, e que está muito bem posto nas diretrizes curriculares nacionais e na própria Base Nacional Comum Curricular para a Educação Básica, a BNCC, o ensino não deve primar por quantidade de conteúdos, mas por desenvolver nos estudantes conhecimentos, habilidades e atitudes, o que não é mensurável em número de dias e de horas.

A BNCC (BRASIL, 2014), entre as competências gerais, destaca o exercício da curiosidade intelectual para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas, bem como a utilização de diferentes linguagens para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, de forma crítica, significativa, reflexiva e ética, em diferentes contextos, e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Não é pensar que a tecnologia é a panaceia para solucionar todos os problemas de aprendizagem. Tecnologia é meio, somente isto, meio, ferramenta, instrumento que capaz de acelerar o emprego da tecnologia na educação. Uma das possíveis mudanças deverá ser o desenvolvimento do ensino híbrido, conciliando o presencial e o *online*. O desafio é repensar a escola e os seus currículos, de forma a integrar neles as novas tecnologias.

Far-se-á necessária uma "repaginada" no modo de ensinar e no modo de aprender.

As Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, além de se constituírem uma fonte de informações, são recursos pedagógicos muito ricos, desde que utilizados de forma adequada pela escola e pelo professor.

Acredito que, depois da pandemia do novo coronavírus, “nada será como antes, amanhã”, como na composição de Milton Nascimento. Ganharemos na qualidade das nossas aulas e no nosso relacionamento com @s alun@s.

Parece paradoxal, embora isolad@s socialmente, cada um na sua casa, de repente nos vimos mais perto d@s alun@s. Pudemos nos dirigir diretamente a el@s, individualmente, na nossa casa, na nossa tela. O diálogo passou a ser direto, com cada um(@) e com tod@s.

Descobrimos que o nosso fazer docente era muito limitado, muito centrado em nós mesm@s, como se fôssemos absolut@s. Descobrimos que há outras maneiras de fazer, mais dinâmicas, que põem @s alun@s como agentes, “é fazendo que se aprende aquilo que se deve aprender a fazer”, como já nos dizia Aristóteles, há mais de 2.400 anos, e Dewey, com a teoria do “aprender fazendo”, na primeira metade do século XX, com o movimento da Escola Nova, colocando a atividade prática e a democracia como importantes ingredientes da educação.

Depois do movimento da Escola Nova, que foi o movimento de renovação do ensino com o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova de 1932, a pandemia da Covid-19 fará surgir uma nova escola, promoverá a renovação do ensino?

Essa experiência do ensino remoto ainda vai produzir bons frutos na nossa relação pedagógica. Como na canção “Se você pensa”, de Roberto e Erasmo Carlos, “daqui pra frente tudo, tudo vai ser diferente”.

A educação a distância, mais precisamente, o ensino remoto deverá ser o legado positivo da pandemia, deverá ser um complemento das atividades desenvolvidas no interior da escola, principalmente no atendimento a alun@s com dificuldades de aprendizagem.

O que estamos vivenciando nesse período de isolamento social deve impulsionar o ensino remoto, que poderá ser usado para complementar o trabalho realizado na sala de aula.

O ensino *on-line* deverá ganhar mais adesão, pelo fato de @s professor@s que não usavam ambientes virtuais de aprendizagem terem sido levad@s a aprender novas práticas em

poucos dias. Ouvindo professor@s e alun@s, pudemos perceber que a experiência tem sido considerada produtiva e, portanto, aprovada.

Passado o período de isolamento social, voltaremos às nossas atividades presenciais. Só não podemos nos esquecer de que nem @ alun@ nem nós mesm@s seremos @s mesm@s. O normal não será o mesmo, teremos um novo normal.

Acreditamos que a experiência vivida em 2020, decorrente da Covid-19, representará uma ruptura com velhas crenças, se transformando num marco decisivo na educação.

Resistências haverá, como sempre, no entanto em escala cada vez menor, uma vez que a tecnologia tem se incorporado cada vez mais à nossa vida.

O mito do “é difícil”, do “não dou conta”, do “não tem um jeito mais simples de fazer” está se tornando coisa do passado, uma vez que as pessoas vão se adaptando, naturalmente, a esse novo jeito de ser e de viver no mundo.

Agora avançaremos, com a tecnologia como nossa parceira. E esperamos que nossos governantes reflitam sobre a omissão diante do que previa a estratégia 7.15 do PNE. Corrigir o passado não é possível, embora seja possível aprender a lição e termos um amanhã menos desigual.

Para concluir, sem ficar batendo na tecla da lamúria e da denúncia, aproveitando o momento que estamos vivendo da Pandemia da COVID-19, graças à tecnologia, nós, professores, como disse o Professor e Pedagogo português António Nóvoa em uma *webconferência* no dia 23 de junho, salvamos a escola com o nosso arrojo e a nossa coragem. Não fossem esse arrojo e essa coragem, estaríamos, literalmente, todos em casa, parados e perdidos diante da incerteza do dia de amanhã. Rapidamente, nos ajustamos às demandas do novo tempo para atender a quem mais precisa de nós, nossos alunos.

E destaco, ainda, que tivemos um ganho com essa situação: a sociedade nos enxergou, reconheceu a importância do nosso trabalho, que ser professor é uma profissão. Não é qualquer coisa que qualquer um faz a qualquer hora e em qualquer situação. Sairemos mais respeitados pelos pais, pelas famílias, pelas comunidades, por perceberem a importância do professor e a falta que fazemos na educação de seus filhos e filhas.

Como afirmei acima, as novas tecnologias não são, por si mesmas, a salvação da educação. Mas podem alavancar a ruptura com um modelo passado, ultrapassado, produzindo uma escola mais condizente com os desafios de nossos tempos.

E os efeitos desse momento vão se refletir na formação inicial e continuada dos professores, numa dimensão teórica mais forte e num diálogo mais intenso com a prática, com a escola, pois é nela que nos tornamos, efetivamente, professores.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Educação é a base. Brasília, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 15 maio 2020.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei nº 13.005/2014 de 25 de junho de 2014*. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm). Acesso em: 15 maio 2020.